

# Ferenczi com Paul Preciado

## Por uma psicanálise minoritária<sup>1</sup>

Jô Gondar,<sup>2</sup> Rio de Janeiro

Resumo: O artigo parte da provocação de um filósofo e investiga o quanto algumas intuições, ideias e métodos de Sándor Ferenczi são capazes de questionar e renovar a psicanálise. Enfatiza seu método utraquista, que valoriza as misturas e a multiplicidade. Através dele, Ferenczi permite que possamos pensar as diferenças de outra maneira, para além do paradigma da diferença sexual.

Palavras-chave: Sándor Ferenczi, diferença sexual, utraquismo, multiplicidade

No final de 2019, o filósofo Paul Preciado fez uma intervenção histórica na 49ª Jornada de Psicanálise da Escola da Causa Freudiana, em Paris. Apresentou-se como corpo não binário, provocou os analistas e, no final, afirmou: “Vocês vão poder manter o seu lugar e o lugar que inventaram historicamente na medida em que forem capazes de entrar em diálogo e estar em relação com o presente”.

Penso que essa provocação deve ser levada a sério. Mas o que significa estar em diálogo e em relação com o presente? Para Preciado, significa admitir que a epistemologia da diferença sexual – bússola de boa parte da construção psicanalítica – está em crise. Os estudos de gênero têm nos mostrado que o que chamamos de feminino e masculino não expressa uma diferença universal entre os sexos, mas fala de dois gêneros que as normas sociais nos impõem. Precisamos, então, repensar

1 Agradeço as contribuições dos colegas do grupo Psicanálise Experimental, coordenado pelo Prof. Nelson Ernesto Coelho Jr. no Departamento de Psicologia Experimental da USP.

2 Psicanalista, membro efetivo do Círculo Psicanalítico do Rio de Janeiro (CPRJ), doutora em Psicologia Clínica, professora titular da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), membro do comitê executivo da International Sándor Ferenczi Network (ISFN) e da International Federation of Psychoanalytic Societies (IFPS), vice-presidente do Grupo Brasileiro de Pesquisas Sándor Ferenczi (GBPSF).

nosso modo de conceber as sexualidades? É um questionamento ao qual não podemos nos furtar. Creio, porém, que essa é uma via de mão dupla, pois nós também temos contribuições a trazer para o debate. Neste artigo pretendo pensar tanto a crítica abordada pelos estudos de gênero quanto as contribuições da nossa área por meio de um clínico conhecido justamente por se furtar às normas: Sándor Ferenczi.

É preciso, de saída, deixar claro que as discussões sobre gênero são discussões contemporâneas e não se pode exigir que Ferenczi, que viveu de 1873 a 1933, tenha posições explícitas sobre questões atuais – sobre os transgêneros, por exemplo. Nenhum pensador está acima das circunstâncias históricas às quais ele pertenceu. Porém, como escreve Edward Said (2004), os pensadores que permanecem atuais são aqueles que, mesmo quando inseridos num contexto determinado, apresentam intuições e ideias que extrapolam esse contexto. Se continuamos a ler e a redescobrir Ferenczi é porque seu pensamento pôde atravessar as fronteiras do tempo e chegar até nós, instigando ideias novas e iluminando problemas que não eram nem mesmo vistos em sua época.

Proponho, então, para pensar as questões de gênero, um certo modo de leitura da obra de Ferenczi. Em vez de me ater ao que ele escreveu sobre o masculino e o feminino – tem até um texto com esse título: “Masculino e feminino” (1929/1992b), em que o autor se mostra um homem do seu tempo, com todos os preconceitos que lhe são correspondentes –; gostaria de realçar o que Ferenczi disse de maneira não tão direta, relevando os pontos em que ele surge, para nós, como um analista atual. Apresenta intuições, ideias e métodos que podem nos ajudar a pensar as questões contemporâneas, principalmente em seu modo de conceber a diferença.

## Uma clínica minoritária

Mas, antes disso, gostaria de falar do contexto ao qual Ferenczi pertence e de marcar o quanto é distinto do de Freud. Isso é importante para podermos entender a crítica desse psicanalista húngaro a todas as

formas de opressão – tanto na sociedade, quanto na prática científica e na clínica psicanalítica.

Freud, em Viena, e Ferenczi, em Budapeste, conviveram até a Primeira Guerra Mundial sob um mesmo Império – o Austro-Húngaro. Apesar de se apresentar como uma duarquia, esse Império era, na prática, bem mais austro do que húngaro: a Hungria era obrigada a assimilar o idioma e a cultura alemãs e se subordinar ao poder econômico e constitucional da monarquia dos Habsburgos. Isso não era numa questão para Freud, que se encontrava em Viena, mas era um problema para Ferenczi, que vivia em Budapeste. Juntamente com sua família e com a maior parte dos intelectuais húngaros, Ferenczi participava das lutas pela libertação de seu país do domínio austríaco. Essas relações de poder vão fornecer traços singulares à inserção da psicanálise na Hungria. Ana Verônica Mautner (1996), analista húngara que viveu no Brasil, conta que até a Primeira Guerra seus conterrâneos eram obrigados a falar alemão na rua, no comércio, nas universidades, nos contratos; mas na intimidade, quando amavam, brigavam ou se emocionavam, usavam o magiar – que é como se chama o idioma húngaro. Falar o magiar na intimidade era uma forma de resistência política ao poder austríaco. E aqui aparece o detalhe curioso: que língua será usada pela psicanálise ao ser introduzida na Hungria? As sessões de análise serão feitas em magiar, a língua da intimidade e dos afetos – que, nesse momento, também é a língua da resistência política. Isso deve ter contribuído para que a resistência política e os afetos sejam, na Hungria, parte inerente da psicanálise. São também duas dimensões muito presentes em Ferenczi: com ele, afeto e política tornam-se esferas inseparáveis.

Assim, os contextos de Freud e Ferenczi são distintos, mesmo que sejam contemporâneos. O desejo de cada um com relação à psicanálise também será diverso: Freud era um pesquisador genial que estava construindo um campo de saber novo e buscava o reconhecimento científico para isso; enquanto Ferenczi era um ativista político por tradição familiar e, por índole, um terapeuta sensível aos jogos de poder e ao sofrimento das pessoas. No *Dicionário de Psicanálise* de Elizabeth Roudinesco e Michel Plon (1998, p. 232), Ferenczi é apresentado como

“o clínico mais talentoso da história do freudismo”. Um clínico talentoso que sempre teve afinidade com o lado mais frágil da corda, em qualquer relação que esse lado estivesse: nas relações políticas e sociais, na relação entre crianças e adultos, entre pacientes e analistas, entre heterossexuais e homossexuais, entre homens e mulheres. Pode se dizer que ele sempre se afinou com as minorias.

Hoje se tem claro, principalmente a partir das pensadoras do feminismo negro, que as formas de opressão não podem ser pensadas separadamente; elas obedecem a uma mesma lógica e participam de todo um sistema de opressões que organiza as sociedades. É o que se chama de interseccionalidade. Embora não se tratasse de uma ideia em circulação na época de Ferenczi, ele, de algum modo, possuía essa modulação sensível, e suas lutas eram sempre em defesa dos menos poderosos e dos minoritários. Seu interesse pelas minorias, porém, jamais foi o de transformá-las em majorias; nunca foi o de tornar o lado frágil mais poderoso ou mais bem adaptado; isso seria apenas inverter os polos de poder sem confrontar a lógica que determina a desigualdade dos lugares.

A afinidade de Ferenczi com as minorias fez também que ele propusesse outra forma de entender o sofrimento psíquico e outro tipo de tratamento para esse sofrimento. Em vez de eleger a neurose como modelo subjetivo para os pacientes difíceis, Ferenczi tomou esses pacientes difíceis como ponto de partida, estendendo o trauma e a vulnerabilidade para todos. Trata-se de uma diferença importante: uma coisa é partir do funcionamento psíquico majoritário, a neurose, e pensar os minoritários – os psicóticos, os difíceis, os *borderline* – pelo déficit que apresentam em relação ao funcionamento neurótico. Esses pacientes passam, então, a ser descritos por aquilo que não são capazes de fazer: simbolizar, representar, fantasiar, e o tratamento analítico deve conduzi-los a isso. Outra coisa bem diferente é basear-se nos minoritários, tomá-los como fundamento, enxergando qualquer psiquismo como minoritário. É pensar que o que uma análise pretende é tornar a vida mais vivível para qualquer sujeito, de que forma for.

## Questionando as normas de gênero

A clínica praticada por Ferenczi foi minoritária desde o início, mesmo antes de seu encontro com Freud e de tornar-se psicanalista. O *enfant terrible* da psicanálise já era um *enfant terrible* na medicina. Pierre Sabourin (1985) conta que, nesse período, Ferenczi era um “psiquiatra militante e subversivo”. Estava sempre disposto a escutar os loucos, as prostitutas, os desviantes de toda ordem e atacava os preconceitos de seus colegas médicos.

Apresento aqui duas situações que atestam essa atitude. Uma delas é o caso Rosa K. (Ferenczi, 1902/1994b), texto que integra os *Escritos de Budapeste*. Esses artigos foram escritos por Ferenczi antes de seu encontro com Freud, em 1908; pertencem, portanto, a um período considerado pré-psicanalítico (de 1899 até 1907). Ainda trabalhando como neurologista, Ferenczi discorre, nesse texto, sobre o tratamento de Rosa, transexual que preferia ser chamado de Robert. Segundo a psiquiatria da época, Robert seria apenas mais um exemplo de degenerescência física e psíquica. Em desacordo com isso, Ferenczi pede que Robert escreva a própria autobiografia e a leva em conta na descrição que faz do caso clínico, ou seja, interessa-se pelo que o paciente sente e pelo modo como fala de si mesmo. Contra o ponto de vista médico que propunha um diagnóstico pronto no qual o sujeito poderia ser encaixado, surge um neurologista que procura ver Robert como pessoa, procurando entender o paciente a partir de sua própria perspectiva. Dá importância não apenas à ótica individual do paciente, mas também à situação social dos sujeitos sexualmente desencaixados, sujeitos que não encontram nem lugar de moradia nem lugar social e, tampouco, espaço psíquico de reconhecimento.

Três anos depois, em 1905, Ferenczi participa do 3º Congresso de Psiquiatria Húngara, no qual propõe a criação de um Comitê Internacional de Defesa dos Homossexuais (Sabourin, 1985). Ele não apenas lutou pela criação desse comitê internacional como se tornou seu correspondente na Hungria. Ainda em 1905, nos *Escritos de Budapeste*, escreveu um artigo intitulado “Estados sexuais intermediários” (1905/1994a)

apresentando uma perspectiva sobre a homossexualidade mais complexa e matizada do que a mera indiferenciação suposta na época – a ideia de que todos os homossexuais seriam iguais. Foi capaz de dizer, contra o pensamento vigente, que a homossexualidade não era prejudicial à sociedade; ao contrário, era importante para a evolução humana. Alguns anos depois, já como psicanalista, Ferenczi (1914/1992a) preferiu falar de *homoerotismo* em vez de homossexualidade. Acreditava que o termo *homossexualidade* poderia dar margem a mal-entendidos: poderia se pensar que se tratava apenas de uma questão de sexo biológico, e não de toda uma forma de erotização.

Além de fornecer mais matizes ao espectro da sexualidade, o psicanalista húngaro conferiu às mulheres um lugar especial em sua obra. Friso aqui o lugar conferido às mulheres, não ao feminino. Pois, ao falar do feminino, ele não deixa de ser um homem do seu tempo: acredita que masculino e feminino possuem características definidas previamente, sem se dar conta do quanto esses atributos são moldados socialmente. Porém situa-se à frente de sua época ao falar da condição social das mulheres.

Seu primeiro artigo ao entrar no movimento psicanalítico, em 1908 – seu “cartão de visita”, como o chama Franco Borgogno (2004) – tem por título “Do alcance da ejaculação precoce”. Mas o que é abordado no texto não é o problema dos homens devido à ejaculação precoce, e sim o sofrimento das mulheres. Ferenczi mostra o quanto a desconsideração com esse sofrimento derivava de um sistema patriarcal reproduzido no meio médico. Escreve: “só o egoísmo masculino, sobrevivência do velho regime patriarcal, pôde desviar a atenção dos homens... logo, dos médicos, deste problema” (Ferenczi, 1908/1991a, p. 1). E mais adiante:

Se os homens rompessem seu modo de pensar egocêntrico ... dar-se-iam conta do martírio suportado pelas mulheres e do desespero provocado pelo dilema que as reduz a escolher entre o respeito por si mesma e a plena satisfação sexual. Eles compreenderiam melhor por que uma porcentagem tão grande de mulheres foge ao dilema através da doença. (Ferenczi, 1908/1991a, p. 2)

Para Franco Borgogno (2004), Ferenczi antecipa, nesse primeiro texto, todo o seu programa clínico-político: durante toda a sua vida ele teria denunciado o quanto as mulheres, as crianças e os pacientes difíceis eram constrangidos pela sociedade, pela família e mesmo pela clínica psicanalítica, que os uniformizava às próprias exigências e às próprias normas.

Num plano mais amplo, pode se dizer que Ferenczi possuía uma afinidade maior com a ordem materna do que com a ordem paterna. Isso o levou a propor, em “Thalassa” (1924/1993b), uma mitologia bem diferente da apresentada por Freud em “Totem e tabu” (1913/1976). Em vez de uma narrativa sobre a fundação da lei capaz de organizar as sociedades humanas – um mito sobre a função paterna – ele criou uma narrativa que privilegiava a ordem materna: a questão não seria o parricídio ou a castração, mas o surgimento da vida no mar. De acordo com esse mito, a vida teria proliferado por uma série de catástrofes que a obrigaram a inventar novas formas, tornando-se cada vez mais rica e mais complexa. O importante aqui não é a relação entre as mulheres e a maternidade, o que hoje seria criticável. Mais interessante é o fato de Ferenczi propor uma narrativa na qual a mãe deixa de ser uma figura associada à indiscriminação e ao caos, ao passo que o pai é a potência separadora que institui a ordem simbólica, tanto para a subjetividade quanto para a vida em sociedade. Para Freud, o pai seria o organizador necessário que instaura a cultura e a Lei, sem o qual ficaríamos relegados ao mundo perigoso, fusional e psicotizante da mãe. Na tradição psicanalítica, o registro materno deve ser limitado pela entrada do pai, representante de uma ordem fálica que deve deter o privilégio na cultura. Para Ferenczi, contudo, a sociedade é uma possibilidade de desenvolvimento da vida e, como tal, também uma derivação da ordem materna.

Mesmo assim, Ferenczi apresenta, em seu último ano de vida, uma autocrítica sobre a ordem fálica ainda presente em “Thalassa”. Escreve, em seu *Diário clínico* que

a facilidade com que (Freud) sacrifica os interesses das mulheres em prol dos pacientes do sexo masculino é impressionante. Isto é consistente com

a orientação unilateral andrófila da sua teoria da sexualidade. Nisto, ele foi seguido por quase todos os seus alunos, e eu próprio não me excluo. A minha teoria da genitalidade pode ter muitos pontos positivos, mas no seu modo de apresentação e na sua reconstrução histórica agarra-se demasiado às palavras do mestre. Uma nova edição significaria uma completa reescritura. (1932, n. p.)

## Desfazendo os binarismos

Em “Thalassa”, o privilégio conferido ao materno associa-se, no plano epistemológico, ao valor que Ferenczi concede às misturas em detrimento dos binarismos e, em especial, daquele que separa a cultura da natureza. O pai torna-se uma figura fundamental quando se pensa que a cultura deve dominar a natureza, o simbólico deve prevalecer sobre o orgânico e a mente sobre o corpo. Mas o psicanalista húngaro não estabelece essas divisões. Suas noções são sempre da ordem da transposição de fronteiras: *bioanálise*, *utraquismo*, *anfímixia*, *sentir com*, *símbolo orgânico*, *materializações históricas*. E nesse aspecto ele se encontra bem próximo dos debates atuais sobre transdisciplinaridade, gênero e até mesmo sobre alterações climáticas. A maior parte das discussões contemporâneas toma, como ponto de partida, uma crítica aos binarismos em diversos campos: saberes, sexualidade, natureza. Nos estudos de gênero, defende-se hoje a ideia de que a sexualidade é múltipla e não cabe em apenas duas possibilidades de gênero, definidas previamente – masculino e feminino –, mesmo que se admita a bissexualidade. De fato, a bissexualidade não rompe com o binarismo, à medida que ainda mantém uma lógica dualista. O que rompe com o binarismo é a ideia de multiplicidade; a noção de sexualidade perversa e polimorfa, por exemplo, poderia ser vista por esse ângulo. O problema é que mesmo quando admite uma perversão polimorfa, a tradição psicanalítica mantém uma lógica dualista. E é nesse ponto que Ferenczi nos permite avançar.

Desde seus primeiros textos, Ferenczi apresenta uma maneira de pensar que se caracteriza pela multiplicidade. Os pensadores da

multiplicidade são geralmente denominados como pensadores monistas.<sup>3</sup> O que isso quer dizer? Monismo é uma forma de pensamento que considera a realidade sendo regida por um único princípio fundamental. Ele se opõe ao dualismo, que considera a realidade sendo regida por dois princípios fundamentais que se opõem um ao outro. O dualista mais famoso foi Descartes, que defendia a existência de duas substâncias, corpo e alma, *res cogitans* e *res extensa*. O monista mais famoso foi Espinosa, que viveu na mesma época e defendia a existência de uma só substância – Deus ou natureza – se expressando por uma multiplicidade de modos. Por aqui já se vê que o monismo não se opõe ao pluralismo, porque um mesmo princípio pode se expressar de muitos modos (Japiassú & Marcondes, 2001). O monismo pode ser pluralista, pode trabalhar com a multiplicidade; o que ele recusa é o dualismo, é qualquer divisão do mundo em duas partes: natureza e cultura, masculino e feminino, vida e morte.

A discussão sobre multiplicidade e dualismo apresenta um aspecto político. Todas as vezes em que se divide o mundo em duas partes, essa divisão nunca é feita de maneira neutra. Quem chama a atenção para isso é Jacques Derrida (1972). Todas as vezes em que se estipula pares em oposição – natureza/cultura, masculino/feminino, corpo/psiquismo – essa oposição jamais é paritária. Há sempre um polo que é considerado o principal, o bom, o que serve de parâmetro, enquanto o outro é definido em relação a ele. Nesse sentido, todo dualismo traz consigo uma hierarquia maquiada, terminando sempre por eleger cidadãos de segunda classe.

Partidário de um monismo pluralista, Ferenczi não foi um pensador das estruturas ou das posições subjetivas definidas. Durante toda a sua obra, defendeu as passagens, a transposição de fronteiras entre corpo e psiquê, natureza e cultura, psicanálise e biologia. Contra a pureza dos

3 Na tradução brasileira das obras de Ferenczi, baseada, por sua vez, na tradução francesa, o monismo aparece afirmado textualmente: “Apresso-me a assinalar que, teoricamente, sou adepto dessa concepção filosófica denominada monismo agnóstico, que reconhece, como seu nome indica, um princípio único na base de todos os fenômenos existentes” (1909/1991b, p. 42). Embora essa afirmação textual não conste do original alemão, o conjunto da obra indica essa perspectiva.

dualismos, Ferenczi abraçou as misturas e o trânsito entre diferentes espaços, para além de fronteiras divisórias. Sua lógica de pensamento permite conceber as diferenças sem reduzi-las a oposições. Em vez das alteridades relativas, da diferença de uma coisa em relação a outra coisa – como é a diferença sexual, base da epistemologia psicanalítica, em sua maior parte – podemos pensar num formigar de diferenças, numa multiplicidade delas. Em termos de método, isso se aproxima da proposta de Judith Butler, de Paul Preciado e das teorias *queer*.

## Diferença e multiplicidade

Como dissemos de início, não devemos exigir que Ferenczi fosse capaz de passar por cima de sua sombra, atravessando incólume o contexto histórico ao qual pertenceu. Ainda assim, podemos encontrar em seu pensamento ideias que saltaram a sombra de seu tempo e chegaram até nós com uma surpreendente atualidade. São intuições, ideias e métodos que nos permitem criticar o binarismo dos sexos, pedra de toque da epistemologia da diferença sexual. Portanto, ainda que tenha escrito um artigo valorizando essa diferença – o já citado “Masculino e feminino”, de 1929 – Ferenczi pode, em muitos aspectos, ser considerado um “aliado das convocações de Preciado”, como afirma Flora Tucci (2021).

Essa aliança aparece em seus modos inusitados de apreender questões que não eram vistas nem compreendidas no início do século 20. Em alguns de seus trabalhos, por exemplo, a diferença sexual passa para segundo plano; seu foco deixa de ser a distinção universal ou essencial entre masculino e feminino e se dirige para as diferentes condições sociais de vida que fizeram com que a sexualidade de homens e mulheres se desenvolvesse diferentemente (Tucci, 2021). Aqui, o melhor exemplo seria o artigo “Do alcance da ejaculação precoce” (1908/1991a), texto no qual, como já vimos, Ferenczi apresenta uma crítica ao sistema patriarcal. Uma rara acuidade para os jogos de poder na macro e na micropolítica seria outro exemplo de sua capacidade de transpor o horizonte de pensamento da psicanálise de seu tempo. Ele denunciava esses jogos na clínica e nas instituições psicanalíticas e,

mais que isso, neles se implicava, reconhecendo suas próprias vertentes autoritárias e sua possibilidade de produzir submissão nos pacientes. Em vez de um “sujeito suposto saber”, Ferenczi pensou no psicanalista como um sujeito de “saber situado”. Podem ilustrar essa postura artigos como “Contra-indicações da técnica ativa” (1926/1993b) e as diversas anotações sobre análise mútua em seu *Diário clínico* (1932/1990).

Mas talvez o maior exemplo da atualidade desse analista húngaro seja sua proposta metodológica: nela, a hibridez e a multiplicidade desfazem os binarismos e as fronteiras definidas. Sob esse aspecto, podemos colocar um psicanalista de primeira geração como alguém capaz de encarar as convocações de um filósofo não binário contemporâneo. Como escreve Preciado: “Não existe diferença sexual, mas uma multidão de diferenças, uma transversalidade das relações de poder, uma diversidade de potências de vida” (2011, p. 18).

Assim, não é quando Ferenczi fala do masculino e do feminino que ele nos ajuda a pensar hoje os problemas de gênero. É quando, antes disso, propõe um método de pensamento que valoriza a multiplicidade, seja ela qual for. Não há nele um gosto pela linha reta, nem tampouco pela linha divisória. O que existe é um apreço pelos fragmentos, pela construção em mosaico, pelo desvio como método. “Thalassa” (1924) é o texto onde o mosaico pode ser visto mais claramente, embora possamos perceber mais a diluição dos binarismos em “Fenômenos de materialização histórica” (1913/1993a) e na nota “Pensar com o corpo é como a histeria”, apresentada em seu *Diário clínico* (10/1/1932). Para construir suas teses, Ferenczi empreende um amalgamento de dados provenientes de sua própria clínica, mas também, e não apenas, do comportamento sexual dos animais, somados a aforismos nietzscheanos, a mitos, a hipóteses científicas antigas e modernas, a chistes e a conceitos da metapsicologia e da biologia. Um método que realça a dimensão polimorfa que nos constitui sem vê-la como deriva de um centro ou parte de um desenvolvimento linear. Podemos nos inspirar nesse método acentrado, fragmentário e pluralista para encarar outras formas de sexualidade sem vê-las como desvios de uma sexualidade original. Desse modo, podemos reconhecer, sem condenar à patologia, multiplicidades

femininas, masculinas, e também multiplicidades que não estão nem de um lado nem de outro, multiplicidades que não correspondem a gêneros inteligíveis pelas normas que dispomos.

É importante marcar que um método acentrado não conduz à extinção das normas de gênero. Em qualquer sociedade e em qualquer cultura, elas existirão. O que um método acentrado e pluralista pode facilitar é a percepção da contingência dessas normas. Se nos afinamos com essa chave, a clínica psicanalítica pode ser o lugar onde os sujeitos passam a se dar conta da eventualidade e das circunstâncias das normas de gênero, fazendo uma negociação entre elas e a polimorfia presente em cada um. Isso implica valorizar a dimensão política da sexualidade e da clínica, não no sentido de uma oposição entre público e privado, mas no sentido de uma negociação possível entre a polimorfia de cada um e as normas sociais. Relaxar o domínio coercitivo das normas poderia facilitar a construção de uma vida mais vivível.

Sob outra perspectiva, a psicanálise de Ferenczi teria mais uma contribuição a fazer. É que binária ou múltipla, sexualidade é conturbação. Os corpos que vão sendo desenhados em sua obra – em seu modo de constituição, em seus jogos, em seus modos de ter prazer ou de sofrer – nunca são corpos apaziguados. Eles não formam identidades definidas, e tampouco diversidades plácidas. O universo da sexualidade não é fácil nem harmônico para ninguém, mesmo com toda a multiplicidade que ele possa ter. A desarmonia não acontece porque a relação sexual é impossível ou porque a castração ameaça a todos – ideia ainda subordinada a uma epistemologia da diferença sexual. Dois aspectos são importantes na produção dessa desarmonia: a imbricação dos jogos de poder nas relações sexuais – aos quais Ferenczi esteve sempre atento, mesmo em seus textos mais sexistas como *Masculino e feminino*; e a complexidade sempre desviante da vida. A sexualidade seria uma potência da vida e, como tal, produto das catástrofes a partir das quais a vida pôde ganhar variedade e diferenciação.

Por esse motivo, um mundo múltiplo jamais será, em Ferenczi, um mundo plácido ou indiferenciado; ao contrário, ele comporta um grande fervilhar de diferenças. Mais diferenças, com mais tons e

microtons do que aquela que provém do fato de cortarmos o mundo em duas partes, masculino e feminino. Para esse analista húngaro, a multiplicidade não destrói a dimensão trágica presente nos modos de sexuação, nem o fato de que eles são sempre um território de impasse e uma questão em aberto.

### Ferenczi con Paul Preciado: por un psicoanálisis minoritario

Resumen: El texto parte de la provocación de un filósofo queer y investiga cómo algunas intuiciones, ideas y métodos de Sándor Ferenczi son capaces de cuestionar y renovar el psicoanálisis. Destaca su método utraquista, que valora las mezclas y la multiplicidad. A través de él, Ferenczi nos permite pensar las diferencias de otra manera, más allá del paradigma de la diferencia sexual.

Palabras clave: Sándor Ferenczi, diferencia sexual, utraquismo, multiplicidad

### Ferenczi with Paul Preciado: for a minority psychoanalysis

Abstract: The paper starts from the provocation of a queer philosopher and investigates how much some intuitions, ideas and methods of Sándor Ferenczi are able of questioning and renewing psychoanalysis. It emphasizes his Utraquist method, which values mixtures and multiplicity. Through it, Ferenczi allows us to think about differences in another way, beyond the paradigm of sexual difference.

Keywords: Sándor Ferenczi, sexual difference, utraquism, multiplicity

## Referências

- Borgogno, F. (2004). O primeiro texto de Ferenczi – “um cartão de visita”. In F. Borgogno, *Psicanálise como percurso* (pp. 181-190). Imago.
- Derrida, J. (1972). *Positions*. Éditions de Minuit.
- Ferenczi, S. (1990). *Diário clínico*. Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1932)
- Ferenczi, S. (1991a). Do alcance da ejaculação precoce. In S. Ferenczi, *Obras completas, Psicanálise I* (pp. 1-3). Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1908)

- Ferenczi, S. (1991b). A respeito das psiconeuroses. In S. Ferenczi, *Obras completas, Psicanálise 1* (pp. 41-56). Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1909)
- Ferenczi, S. (1992a). O homoerotismo: nosologia da homossexualidade masculina. In S. Ferenczi, *Obras completas, Psicanálise 2* (pp. 117-129). Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1914)
- Ferenczi, S. (1992b). Masculino e feminino. In S. Ferenczi, *Obras completas, Psicanálise 4* (pp. 37-46). São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1929)
- Ferenczi, S. (1993a). Fenômenos de materialização histérica. In S. Ferenczi, *Obras completas, Psicanálise 3* (pp. 41-53). Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1913)
- Ferenczi, S. (1993b). Thalassa. Ensaio sobre a teoria da genitalidade. In S. Ferenczi, *Obras completas, Psicanálise 3* (pp. 255-325). Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1924)
- Ferenczi, S. (1994a). L'homosexualité féminine. In S. Ferenczi, *Les écrits de Budapest* (pp. 151-156). EPEL. (Trabalho original publicado em 1902)
- Ferenczi, S. (1994b). États sexuels intermédiaires. In S. Ferenczi, *Les écrits de Budapest* (pp. 243-255). EPEL. (Trabalho original publicado em 1905)
- Ferenczi, S. (1993b). Contra-indicações da técnica ativa. In S. Ferenczi, *Obras completas, Psicanálise 3* (pp. 365-375). Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1926)
- Freud, S. (1976). Totem e tabu. In S. Freud. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 13, pp. 12-191). Imago. (Trabalho original publicado em 1913)
- Japiassu, H. & Marcondes, D. (2011). *Dicionário básico de filosofia*. Jorge Zahar.
- Mautner, A. V. (1996). Ferenczi: cultura e história. In C. Katz (Org.), *Ferenczi: história, teoria, técnica* (pp. 15-41). Ed. 34.
- Plon, M. & Roudinesco, E. (1998). *Dicionário de Psicanálise*. Zahar.
- Preciado, P. (2011). Multidões queer: nota para uma política dos “anormais”. *Estudos Feministas*, 19(1), 11-20.
- Sabourin, P. (1985). *Ferenczi, paladin et grand vizir secret*. Éditions Universitaires.
- Said, E. (2004). *Freud e os não europeus*. Boitempo.
- Tucci, F. (2021). Episódio “Do alcance da ejaculação precoce”. *Podcast Escutando Ferenczi: a arte da psicanálise*. Grupo Brasileiro de Pesquisas Sándor Ferenczi, 2021. Acessível no Spotify.

Jô Gondar

joogondar@gmail.com